

Para honrar o legado e a memória de Magda Soares: efeitos de sentido em movimento da palavra *legado* nas mídias digitais

Para honrar el legado y la memoria de Magda Soares: Conmovedores efectos de sentido de la palabra legado en medios digitales

To honor the legacy and memory of Magda Soares: moving sense effects of the word legacy in digital media



Heitor Pereira de Lima¹

Jane Quintiliano Guimarães Silva²

Resumo: Este estudo apresenta uma reflexão sobre o funcionamento discursivo da palavra legado nas mídias digitais tendo-se em conta a produção e a circulação de discursos que noticiaram o falecimento da professora Magda Soares. Sendo assim, sob a perspectiva da Análise de Discurso e nas suas relações com a História das Ideias Linguísticas, vamos observar reportagens jornalísticas, propagadas por/em jornais *online*, como o lugar – e, igualmente, uma discursividade –, no qual se abrem possibilidades para

¹ Doutorando e Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Letras, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Bolsista CAPES. Integrante do Grupo de Estudos Palavra, Língua, Discurso (PALLIND), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

² Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Professora do Programa de Pós-graduação em Letras PUC Minas. Mestre em Educação (UFMG) e Doutora em Linguística (UFMG).

apreender movimentos de sentido da palavra legado. Entendemos, ainda, que, ao assumirmos essa palavra, isto é, os seus efeitos de sentido que se produzem em relação às contribuições que essa professora trouxe ao campo dos estudos da linguagem e da educação, produzimos, simbolicamente, um gesto de homenagem à Magda Becker Soares.

Palavras-chave: Legado. Mídias digitais. Magda Soares.

Resumen: Este estudio presenta una reflexión sobre el funcionamiento discursivo de la palabra legado en los medios digitales, teniendo en cuenta la producción y circulación de discursos que denunciaron la muerte de la profesora Magda Soares. Por tanto, desde la perspectiva del Análisis del Discurso y en sus relaciones con la Historia de las Ideas Lingüísticas, observaremos los reportajes periodísticos, propagados por/en los diarios en línea, como el lugar – e, igualmente, una discursividad –, en el que se abren posibilidades. apreender movimientos de sentido de la palabra legado. También entendemos que, cuando asumimos esta palabra, es decir, los efectos de su significado que se producen en relación con los aportes que esta maestra trajo al campo de los estudios de lengua y educación, producimos simbólicamente un gesto de homenaje a Magda Becker Soares.

Palabras clave: Legado. Medios digitales. Magda Soares.

Abstract: This study presents a reflection on the discursive functioning of the word legacy in digital media, taking into account the production and circulation of discourses that reported the death of Professor Magda Soares. Therefore, from the perspective of Discourse Analysis and in its relations with the History of Linguistic Ideas, we will observe journalistic reports, propagated by/in online newspapers, as the place – and, equally, a discursivity –, in which possibilities open up. to apprehend movements of meaning of the word legacy. We also understand that, when we assume this word, that is, its meaning effects that are produced in relation to the contributions that this teacher brought to the field of language and education studies, we symbolically produce a gesture of homage to Magda Becker Soares.

Key-words: Legacy. Digital media. Magda Soares.

Tenho gosto de lisonjeiar as palavras ao modo que o Padre Vieira lisonjeava. Seria uma técnica literária do Vieira? É visto que as palavras lisonjeadas se enverdeciam para ele. Eu uso essa técnica. Eu lisonjeio as palavras. E elas até me inventam. E elas se mostram faceiras para mim. Na faceirice as palavras me oferecem todos os seus lados. Então a gente sai a vadiar com elas por todos os cantos do idioma. Ficamos a brincar brincadeiras e brincadeiras. Porque a gente não queria informar acontecimentos. Nem contar episódios. Nem fazer histórias. A gente só gostasse de fazer de conta. De inventar as coisas que aumentassem o nada. A gente não gostasse de fazer nada que não fosse de brinquedo. Essas vadiagens pelos recantos do idioma seriam só para fazer jubilação com as palavras (BARROS, 2008, p. 133).

Palavras para dizer algumas palavras iniciais

De fato, gostamos de lisonjeiar as palavras porque possuímos uma relação de nunca acabar com elas. Usá-las sem pretensões (ou com outras pretensões), pelo viés da brincadeira, do exercício poético, do jogo estético, que se abre para trapacear com os significados estabelecidos, lembrando-nos também de Barthes, não deixa de ser prazeroso, diríamos, fascinante! Na mesma medida, entendemos que tomá-las para dizer algo, por exemplo, também pode ser considerado enquanto um gesto que as lisonjeia. Isso deixa a ver como os sentidos podem ser outros, como as palavras não significam em si. Elas significam porque tem textualidade, porque a sua interpretação deriva de um discurso que a sustenta, que a provê de realidade significativa (ORLANDI, 2005).

De acordo com esse entendimento, concebendo as palavras como um gesto simbólico e um gesto de interpretação (ORLANDI, 2020) que significa, propomo-nos refletir sobre o funcionamento discursivo da palavra *legado*³ nas mídias digitais (DELA-

³ Importa assinalar que toda vez que citarmos a palavra *legado*, tomada aqui como objeto de análise, o faremos utilizando a marcação em itálico.

SILVA, 2022), tendo-se em conta a produção e a circulação de discursos que informam o falecimento da professora Magda Soares. Para esse trabalho, mais especificamente, voltamo-nos para observar reportagens jornalísticas, propagadas por/em jornais *online*, que noticiaram o falecimento dessa professora, como o lugar – e, igualmente, uma discursividade –, no qual se abrem possibilidades para apreender movimentos de sentido da palavra *legado*. Entendemos, ainda, que, ao assumirmos essa palavra, isto é, os seus efeitos de sentido que produzem em relação às contribuições que essa professora trouxe ao campo dos estudos da linguagem e da educação, produzimos, simbolicamente, um gesto de homenagem à Magda Becker Soares, educadora e pesquisadora mineira que teve uma tomada de posição-sujeito que pensa sobre a educação brasileira, e, por isso, segue inspirando educadores, ampliando gestos de leitura/interpretação sobre o ensino da língua materna e suas práticas nas escolas brasileiras.

Neste estudo, a partir dos pressupostos da Análise de Discurso (AD) e nas suas relações com a História das Ideias Linguísticas (HIL), propomo-nos analisar os efeitos de sentido da palavra *legado*. Ou seja, nos interessa apreender as *nuances de sentido* (ORLANDI, 2021, p. 57) dessa palavra ao observar os sentidos emergentes. Nessa direção, concordamos com Petri que “os sentidos são aves, eles migram; são ‘aves’ ariscas, que não se deixam aprisionar; são ‘aves’ que cantam, seu canto ressoa de diferentes maneiras” (PETRI, 2010, p. 25, aspas da autora).

As etapas de nosso trabalho, inicialmente, consistem: i) na busca por reportagens que noticiaram o falecimento da Professora Magda Soares. Essa procura foi realizada na plataforma *Google* na qual foi inserida o buscador “notícias sobre o falecimento de Magda Soares”; ii) na seleção de reportagens nas quais compareceu a palavra *legado*. Após esse procedimento, cinco reportagens foram selecionadas e a partir delas apresentamos cinco sequências discursivas, conforme veremos na seção: *Palavras para dizer sobre a palavra legado nas mídias digitais*.

Junto a isso, ainda, com nosso interesse pela(s) palavra(s), buscamos examinar como a palavra *legado* comparece em alguns dicionários de Língua Portuguesa. Para isso, realizamos uma procura no *Dicionário Caldas Aulete Digital*, *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* e *Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Entendemos que esse levantamento poderia contemplar outros dicionários, entretanto, “o

recorte é necessário à pesquisa, já que sabemos ser uma ilusão dar conta do ‘todo’” (GUASSO; BRANCO, 2021, p. 273, aspas das autoras).

Sobre esse gesto de consulta aos dicionários, reiteramos que nossa leitura desses objetos discursivos (NUNES, 2006) e instrumentos linguísticos (AUROUX, 2014) nos “leva a observar e a compreender o modo como ele produz sentidos em certas conjunturas, levando-se em conta sua materialidade discursiva” (NUNES, 2006, p. 15). Isto é, nossa leitura não é ancorada nos efeitos da certitude do saber proposta pelos dicionários e o imaginário social. Não ocupamos apenas o lugar de consulentes, isso porque nos interessa o discurso e o modo como ele produz sentidos a partir das palavras.

Assim, organizamos nossas reflexões em três seções, a saber, *Palavras para dizer de/sobre a Professora Magda Soares*, na qual inscrevemos a pesquisadora no discurso para dar visibilidade à sua atuação permeada por tomadas de posição-sujeito que sempre consideraram a educação e seus processos e práticas; *Palavras para dizer sobre a palavra legado nas mídias digitais*, nesta seção refletimos brevemente sobre a história da palavra *legado* a partir do efeito *palavra-puxa-palavra* (PETRI, 2018), bem como desenvolvemos nossas análises; e, por fim, *Palavras para dizer algumas palavras finais*, seção reservada às reflexões com efeito de fim deste estudo.

Palavras para dizer de/sobre a Professora Magda Soares

Nesta seção, nossas palavras se tecem como e para um gesto de homenagem à Magda Soares, que nos deixou em 1º de janeiro de 2023, permanecendo, indelevelmente entre nós, com as suas ideias e lições de educação, de ensino de escrita e leitura. Falar de Magda Soares e, nessa extensão, evocar seu trabalho, significa falar da sua militância política por uma escola comprometida com uma educação transformadora; militância atrelada ao seu fazer científico, que fez trabalhar, no eixo linguagem, sociedade e escola, questões que trouxeram à cena o quão atravessado de relações de poder e tramados numa ideologia dominante estão as práticas discursivas escolares e seus objetos de ensino e aprendizagem. É certo que o alcance e a pertinência do seu pensamento refletem nas centenas de dissertações e teses que orientou; em outros tantos trabalhos científicos que tomam como referência seus estudos; igualmente, estão em nossos cursos, em nossas salas de aula; em discussões que balizam programas de políticas de ensino de língua

materna no Brasil e em outras tantas ações que estão por vir. É pensando na relevância, singularidade e atualidade do pensamento dessa linguista e educadora, de seus gestos teóricos e políticos que buscamos significar as nossas palavras.

Com esse nosso intento, parece-nos, de saída, auspicioso lembrar que o dia 1º de janeiro de 2023, quando Magda Soares nos deixou, é uma data emblemática para a democracia brasileira, marcada pela posse do Presidente Lula. Foi um dia aguardado com empolgação e esperança por todos aqueles que lutam por um Brasil com justiça social, portanto, por um país implicado política e eticamente com o enfrentamento de iniquidades ainda, presentes em diferentes esferas da vida social, no interior das quais a desigualdade social e econômica são ainda visíveis. Aguardado também para que a democracia, a educação e a ciência se reestabeleçam, pois, nos últimos quatro anos, foram ultrajadas, frente ao veemente negacionismo à ciência, que ecoou no descaso às pesquisas científicas, e, junto a isso, a proliferação de *fake news* e discursos de desinformação sobre questões da ciência, e, ainda, nessa dinâmica, os programas de políticas de educação que ficaram adormecidos. De certo, sempre que nos remetermos à Magda Soares, ao dia em que ela nos deixou, não há como não trazer à memória tal fato, isso porque engajada nessa esperança, ela partiu feliz.

Sabemos todos, Magda Soares, Professora Titular, Emérita da Faculdade de Educação da UFMG, no cenário intelectual brasileiro, está entre uma das mais importantes pesquisadoras do campo dos estudos da educação e da linguagem, particularmente, do ensino de língua materna, e figura uma das maiores autoridades na área de alfabetização e letramento por sua vigorosa produção bibliográfica contemporânea.

Sua trajetória, entrelaçando-se docência e pesquisa, foi marcada pelo seu engajamento político na luta pela democratização da escola pública e, sobretudo, na luta pelo acesso das classes populares a um ensino de qualidade, frente ao fracasso escolar na alfabetização de crianças dessas classes sociais, realidade que se mostrou presente no decurso de quatro décadas, a partir dos anos 1940 e, ainda, hoje as estatísticas insistem em revelar números ainda incômodos. Lembremo-nos aqui uma das premissas da consciência política de Magda Soares, que sempre compareceu em seus textos, e, assim, se afirma: “[...] ter acesso à escola, mas não ter acesso a um ensino de qualidade significa

não conquistar igualdades de direitos e de possibilidades – bases da democracia” (SOARES, 2022, p. 9).

Esse gesto político move suas pesquisas – e, igualmente, movia suas aulas, cursos, conferências –, dedicadas a temas e problemas sobre alfabetização, letramento e o ensino de língua materna no Brasil, problematizados na estreita relação entre linguagem, sociedade e escola, para o que, sob uma perspectiva social, buscava-se compreendê-los num cruzamento de diferentes campos do saber: linguística, sociolinguística e sociologia da educação.

Trabalhando nessa articulação, Magda Soares, nos anos de 1980, empreende dois importantes trabalhos: *As múltiplas facetas da alfabetização*, artigo publicado em 1985, num número especial do periódico *Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas*, e *Linguagem e Escola: uma perspectiva social*, livro publicado pela editora Ática (São Paulo), em 1986. E aqui os colocamos, em destaque, por se tratar de dois trabalhos em que se encontram as bases de sua produção científica, isto é, os pressupostos teóricos e analíticos sobre as noções de alfabetização, letramento, escrita, leitura e seu ensino, que percorreu todos seus trabalhos. Dito de outro modo, considerada a singularidade de cada um de seus trabalhos, os grandes pressupostos de seu pensamento não se alteram. Magda Soares, em cada novo texto, retoma-os, reitera-os, detalha-os, refina-os, sem, contudo, abandonar suas posições teórico-metodológicas e políticas ou o posto de observação eleito.

Seguindo nossa exposição, o acontecimento da emergência de ambas publicações dá-se em meio a um momento da história da nossa sociedade brasileira, marcado pela luta da redemocratização do país e da democratização do ensino, após o arrefecimento dos denominados Anos de Chumbo. No âmbito dessa conjuntura histórico-social e política, a emergência de tais trabalhos é forjada em momentos de acirrados debates no campo dos estudos do ensino da língua materna no Brasil, por vários linguistas brasileiros, que, sob abordagens teóricas, distantes da visada metalinguística do ensino de língua materna, voltaram-se para interrogar sobre os bem assentados modelos explicativos da língua, regidos por abordagens teóricas que preconizam a neutralidade e a transparência da língua, pela via do ensino metalinguístico; a supremacia da escrita sobre a oralidade e, nessa mesma medida, a eleição do padrão culto da língua como única variante linguística para ensinar e aprender os objetos e práticas da cultura escolar.

Nesse cenário, os trabalhos de Magda Soares fazem comparecer, no corpo de suas reflexões, uma crítica a posturas teóricas que fomentam, na história de nossa educação, discursos e práticas que a escola seria uma instância neutra que transmitiria formas de conhecimentos intrinsecamente superiores, dotados de verdade e que avaliaria os alunos a partir de critérios universalistas.

Nessa empreitada, e, especificamente, em *Linguagem e Escola: uma perspectiva social*, livro que conta com 36 anos desde a sua primeira edição e se apresenta notadamente atual – atualidade que justifica seus processos de edição –, mas sobretudo, porque continua fazendo trabalhar a vontade política que o fomentou em sua concepção, qual seja: “A escrita desse livro foi a urgência que sempre sentimos, os pesquisadores, os estudiosos das áreas sociais, neste país em que vivemos, de compartilhar nossas angústias e nossa responsabilidade de lutar pela igualdade e a equidade social e educacional” (MIRANDA, 2022, p. 4)⁴.

Nessa época – ainda regida por muitos silêncios, essa publicação ousou falar de ideologia, de práticas sociais de escrita, de heterogeneidade linguística, num quadro de problematização sobre os efeitos de discursos e suas práticas que preconizam a escola como uma instância neutra, efeitos que convergem, num jogo dissimulado, para a naturalização de conflitos sociais, fazendo assim constranger o debate sobre a diversidade e heterogeneidade de identidades sociais, dos dialetos e das práticas discursivas que os atualizam. Como pontua Magda Soares nessa reflexão, a escola, ao tratar formalmente de modo igual, em direitos e deveres, o aluno, oriundo das classes populares, cujo dialeto não se aproxima ao dialeto ali privilegiado, imputa sobre ele uma culpa. E o faz rejeitando as suas práticas linguísticas e, mais que isso, a ele é atribuído um déficit linguístico, que seria acrescentado a um déficit cultural (SOARES, 1986, p.10).

Perseguindo essa crítica, feita na companhia de William Labov, Basil Bernstein, Pierre Bourdieu, e afirmando nesse diálogo sua posição teórica e política, Magda Soares nos expõe a uma reflexão sobre os mecanismos e os efeitos de orientações teóricas alinhadas à ideologia do dom, à ideologia da deficiência cultural e à ideologia das diferenças culturais, discutidos por ela “como fortes possibilidades explicativas para o

⁴ Essa fala foi pronunciada por Magda Soares em uma entrevista concedida ao Caderno de Cadernos de Educação, Universidade Federal de Pelotas, em 2022.

fracasso na/da escola pública” (SOARES, 1986, p. 6). Assim, perscrutando os pressupostos ideológicos do fracasso das camadas populares na escola, sua investida teórica concentra-se na problematização dessas ideologias, sustentando, com vigor, que tais ideologias interpõem histórica e dissimuladamente nos processos escolares de ensino-aprendizagem da língua, resvalando-se em programas de educação compensatória, balizando políticas e práticas educativas que conferem à criança e à sua cultura a responsabilidade pelo fracasso escolar (SOARES, 1986, p. 12-13).

O vigor e a força problematizadora do pensamento de Magda Soares, nessa publicação e nas demais que a seguiram, mostram-se ao buscar ampliar possibilidades para o aprofundamento de uma compreensão teórica e metodológica para perscrutar os discursos que sustentam tais ideologias, o que, em outros termos, pode ser visto como um trabalho que procurou fazer falar o silêncio que sustenta tais ideologias, produzindo, assim, um outro gesto de leitura para a temática linguagem, escola e sociedade, empreendido à luz do questionamento sobre a relação linguagem e ideologia, no espaço da educação brasileira, particularmente, nas instâncias do ensino da língua materna. Temos aí uma leitura que se orienta por reflexões que concebem e assumem a escola como um espaço de contradições, assim como a sociedade, e sustenta que, ao invés da contradição ser evitada/ignorada/ silenciada, deve ser tomada como constitutivo do processo educativo. Nas próprias palavras dessa pesquisadora, apreende-se o que está(va) no horizonte de suas preocupações:

[...] na escola, espelho da sociedade, estão presentes esses mesmos antagonismos e contradições, e por isso é que ela, não podendo ser redentora, também não é impotente: os antagonismos levam-na a ser (...) um espaço de atuação de forças progressistas, isto é, de forças que impelem em direção à transformação social, pela superação das desigualdades sociais. O que a escola comprometida com a luta contra as desigualdades pode fazer é vitalizar e direcionar adequadamente as forças progressistas nela presentes e garantir às classes populares a aquisição dos conhecimentos e habilidades que as instrumentalizem para a participação no processo de transformação social (SOARES, 1986, p. 73).

Pode-se considerar que eis o posto de observação que essa pesquisadora sempre assumiu em seus trabalhos, à luz do qual colocou na cena dos estudos do ensino da língua materna, da alfabetização e letramento outras compreensões para os fenômenos da

linguagem e seu ensino, as quais se abriram para problematizar a hegemonia da variedade linguística eleita pela escola, de modelos e práticas educacionais fundadas em saberes e verdades sobre alfabetização, leitura, escrita, língua seus usos e práticas, talhados no ideário de uma ideologia hegemônica. E o fez a partir de uma perspectiva através da qual buscou-se significar e compreender tais objetos, as direções metodológicas e suas práticas pedagógicas não dissociadas de condicionantes sociais, culturais, políticos e históricos aí inscritos.

Resumidamente, o trabalho de Magda Soares marcou-se pela ousadia de falar, em suas pesquisas, de objetos, como ensino de língua materna, de leitura, de escrita, de alfabetização e de letramento, à luz de uma postura teórica e política ou de escolhas teóricas fundadas no reconhecimento da complexidade desses objetos, concebidos a partir de uma perspectiva que opera com a diversidade, a diferença, a heterogeneidade de vozes, de linguagens e de identidades linguísticas, para assim interrogar a desigualdade social, de crianças e jovens mostrada no conflito entre a variedade linguística da escola, associada ao padrão, e as variedades dos alunos, especialmente aquelas marcadas pelo estigma socialmente desprestigiados.

O alcance de seu trabalho, sob o ponto de vista da ação da pesquisa e do pesquisador, ajuda-nos a problematizar escolhas teóricas, conceitos teóricos que, às vezes, guardam na sua acepção uma visão de mundo, de sujeito, de língua, de escrita, carregados de crenças e valores que discriminam o que parece estar, sob o viés de tais escolhas, à margem, e se mostram inadequados na ordem do uso da língua e de suas práticas e dos sujeitos nelas inscritos.

Para encerrar esta seção, salientamos que a potência do trabalho dessa pesquisadora se revigora toda vez que é lido, discutido, relido, retomado, como ela mesma o fez, em muitos de seus textos, e como o fazemos em nossas pesquisas, em nossas aulas, em nossos cursos. Em suma, seu *legado* assim se faz: há anos estamos lendo Magda Soares, comentando seus escritos, retomando-os, relendo-os, explicando-os, e, nessa prática discursiva, significando-nos ou nos resignificando e os significando, no âmbito de nossas preferências temáticas e teóricas de frentes de trabalho, de estudo, em nossas aulas, em cursos, em relação às reflexões sobre temas e problemas que Magda Soares, há mais de 50 anos, os assumiu. E, conforme ela mesma nos diz em seu trabalho, intitulado, *Metamémoria-memórias: travessia de uma educadora*

Sob os meus dias, parece estar a vivência de toda uma geração que se educou e educou nas últimas cinco décadas. [...] parece que a experiência passada que aí vai contada não me pertence – Convenceram-me de que os dias não são meus, são nossos, e que não só eu aprendi, mas outros poderão aprender deles e com eles (SOARES, 1981, p. 15-16).

Palavras para dizer sobre a palavra *legado* nas mídias digitais

Gostaríamos de abrir essa seção, trazendo à cena, para efeito de ilustração, uma fala de Orlandi que interroga sobre o que se toma pela palavra *legado*, quando se refere à produção científica empreendida por Michel Pêcheux, fundador da Análise de Discurso, que teoriza a relação entre língua, história e sujeito, problematizando a transparência da linguagem e do sentido.

Tal fala aconteceu, em 2019, na Universidade Federal de Pernambuco, em Recife/PE, por ocasião do IX Seminário de Estudos em Análise de Discurso (SEAD)⁵. O tema do seminário, naquele ano, era *A Análise do Discurso e suas condições de produção: 1969-2019*, que reuniu “dezenas de analistas de discurso interessados em refletir sobre a teoria pecheuxtiana e suas condições de produção a partir do recorte cronológico de 50 anos” (LIMA, 2022, p. 21). A conferência de abertura, nomeada *O legado de Pêcheux no Brasil: memória e atualidade*, contou com a exposição de trabalhos de algumas pesquisadoras, dentre elas, a professora Eni Orlandi que apresentou a pesquisa intitulada *A terra não é plana e o mundo das palavras não tem só dois lados: ainda o silêncio em suas formas*, publicada dois anos depois (ORLANDI, 2021). Salientemos, para os propósitos de nosso estudo, que nessa exposição, Orlandi, ao iniciar sua fala, destacou seu incômodo em relação à palavra *legado* (presente no título da conferência de abertura do IX SEAD). Por isso, no decorrer de sua apresentação, sempre que precisava usar essa palavra, ela o fez marcada por aspas, mesmo entendendo a importância de *legado* enquanto palavra. Ainda, segundo a pesquisadora, emergia dessa palavra um sentido que evocava algo estanque, parado, um efeito que sinalizava para o estático, imóvel. Logo, a

⁵ Nesse ano de 2023, o SEAD está em sua décima primeira edição e tem como tema *Escutas do (in)dizível*. Disponível em: <https://www.discoursead.com.br/>. Acesso em: 10 jul. 2023.

expressão “o legado de Pêcheux” tinha como horizonte possível o sentido de uma teoria (enquanto produto) parada, estacionada, uma vez que o teórico não está fisicamente entre nós. Essa possibilidade de compreensão difere pontualmente da produção científico-teórica de Michel Pêcheux no sentido de que a “Análise de Discurso seja posta em movimento – com exclusividade e/ou articulada –, ela se dará ligada à origem, relacionada ao lugar na qual esteja, sem complementar ou sendo complementada, e jamais estanque. Ela seguirá, portanto, incomodando” (LIMA, 2022, p. 54). Isto é, embora não tenhamos a presença física do fundador da Análise de Discurso, a teoria segue em pleno funcionamento, avançando e desdobrando-se (GRIGOLETTO; DE NARDI, 2016), o que nos possibilita refletir sobre questões caras a nós. Dito de outro modo, a inquietude de Michel Pêcheux se configura como uma presença ausente em cada gesto de movimento da sua teoria, da nossa teoria...

Assim, a partir da escuta à fala de Orlandi, na qual se reflete seu incômodo em relação aos efeitos de sentido da palavra *legado*, quando se refere à produção científico-teórica de Pêcheux na e para a edificação da Análise de Discurso, efeito de sentido esse que tende a marcar algo que parece se impor como estático, pronto e conclusivo a sua teoria, ao seu pensamento, aguçou-nos o interesse de apreender, no material aqui em análise, os efeitos de sentido que carregam a palavra *legado*, quando tematizam a empreitada científico-teórica e as contribuições da pesquisadora e educadora brasileira, Magda Soares, relativamente às suas produções científicas sobre ensino de língua materna, mas, sobretudo, como salientamos há pouco, sobre a potência do trabalho dessa pesquisadora que se revigora toda vez que é lido, discutido, relido, retomado em nossas pesquisas, em nossas aulas, em nossos cursos.

Por isso, (nos) questionamos: quais os efeitos de sentido possíveis da palavra *legado*? A partir do movimento *palavra-puxa-palavra* (PETRI, 2018), quais palavras *legado* puxa? Nessa direção, não pretendemos esgotar a reflexão acerca da história dessa palavra, pelo contrário, buscamos oferecer algumas reflexões sobre os movimentos de sentido da palavra que assumimos a partir do nosso gesto de leitura. Essas questões, formuladas num viés discursivo, portanto, mostram-se importantes para o desenvolvimento deste estudo.

Frente à palavra *legado* e a sua suposta completude de sentidos, concordamos com Petri e Scherer que “é impossível pensar que a palavra não guarda em si uma memória,

memória da e na língua” (PETRI; SCHERER, 2016, p. 371). Uma memória que não é psicológica e nem cronológica, mas que indica como as palavras produzem sentido pelo processo social e histórico de produção da linguagem.

Conforme fez Michel Pêcheux (PÊCHEUX, [1969] 1997), tomamos como objeto o discurso enquanto efeitos de sentido que decorrem da inscrição da língua e na história, podendo ser apreendido nas mais diversas materialidades por meio do gesto interpretativo do analista. Sobre as possíveis materialidades discursivas, nos interessa, então, observar a produção de sentidos na/da mídia a partir da palavra em questão bem como os efeitos de sentido

Sobre mídia, o que e como ela faz trabalhar sentidos, corroboramos da reflexão empreitada por Dela-Silva, na qual a autora compreende

[...] a mídia como uma instância privilegiada de constituição e circulação de sentidos, como um espaço discursivo que comporta em si o jornalístico, o publicitário, o entretenimento. Tais espaços se configuram e se delimitam imaginariamente, a partir de uma determinação dos efeitos de sentidos que neles (não) podem ou (não) devem circular (DELA-SILVA, 2022, p. 49).

Do espaço discursivo midiático, no qual figura o jornalístico, organizamos as sequências discursivas (SD) que apresentaremos a seguir. Mobilizamos, do ponto de vista metodológico- analítico, a noção de sequências discursivas enquanto “[...] sequências linguísticas nucleares, cujas realizações representam, no fio do discurso (ou intradiscurso), o retorno da memória (a repetibilidade que sustenta o interdiscurso)” (MARIANI, 1996, p. 53).

Conforme já anunciamos, nos interessa a palavra *legado*. É dela que advém nosso interesse, nossa inquietação. Uma vez que assumimos a Análise de Discurso enquanto teoria que alicerça este estudo, compreendemos que

tomar uma palavra para análise exige considerar essa palavra em discurso, em movimento junto com outras palavras, sendo pronunciada por um sujeito – formuladas em determinadas condições de produção do discurso – que (inconscientemente) utilizou essa palavra e movimentou os sentidos que dela decorrem (GUASSO, 2020, p. 200).

Sendo assim, nos interessa a palavra *legado* em dis(curso), em movimento, numa rede de sentidos (que nunca há de acabar) na qual palavras falam com palavras, puxam (ou não) outras, ao estabilizar sentidos e mobilizar (tantos) outros, independentemente do nosso conhecimento ou consentimento.

Organizamos as sequências com vista às possíveis direções de sentido para a palavra em observação. Iniciamos com as três SDs a seguir.

SD 1: “A professora emérita da UFMG enfrentava um câncer; *legado* para a educação brasileira é eterno”.

Fonte: Jornal O Tempo⁶

SD 2: “Magda Soares morre aos 90 anos e deixa *legado* no cenário educacional brasileiro”.

Fonte: O Povo⁷

SD 3: “Reconhecidamente uma das maiores especialistas em alfabetização e letramento do Brasil, a educadora Magda Soares, que faleceu aos 90 anos em 1º de janeiro de 2023, deixou um grande *legado* para a área de Educação do país”.

Fonte: Informa Paraíba⁸

Em um primeiro momento, chamou-nos a atenção o que se disse antes do comparecimento da palavra *legado*. Vejamos: *A professora emérita da UFMG enfrentava um câncer*, na SD1; *Magda Soares morre aos 90 anos*, na SD2, e [...] *a educadora Magda Soares, que faleceu aos 90 anos em 1º de janeiro de 2023*, na SD3. A formulação de cada um dos textos, a sintaxe, nos ajuda compreender que há uma regularidade de sentido na qual a palavra *legado* compareceu ligada à doença e, conseqüentemente, à morte, numa aparente relação de causa e consequência, ou seja, é preciso que alguém morra (causa) para que só depois seu *legado* (consequência) seja considerado. Nesse sentido, percebemos que a palavra em questão está inscrita numa rede de significados pela qual

⁶ Disponível em: <https://www.otempo.com.br/cidades/morre-magda-soares-referencia-mineira-para-alfabetizacao-infantil-1.2790452>. Acesso em: 05 jan. 2023.

⁷ Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/brasil/2023/01/02/magda-soares-morre-aos-90-anos-e-deixa-legado-no-cenario-educacional-brasileiro.html>. Acesso em: 06 jan. 2023.

⁸ Disponível em: <https://informaparaiba.com.br/2023/01/24/o-legado-de-magda-soares-para-alfabetizacao-e-o-letramento-no-brasil/>. Acesso em: 10 jan. 2023.

emerge o sentido de produto, de uma matéria física (geralmente de valor monetário), que se deixa a alguém (pessoa de direitos, legatário) após o falecimento do legante. Sobre sintaxe, reiteramos que, sob o enfoque da teoria da Análise de Discurso, a compreendemos ao nível da ordem e não da organização. Nessa direção, concordamos com a reflexão de Maria Cristina Leandro-Ferreira na qual a sintaxe funciona como “dispositivo que capta o real da língua deve supor uma estrutura que comporte ‘os furos do real’, já que o real abre possibilidade de admitir a falta na teoria. E isto importa ao discurso” (LEANDRO-FERREIRA, 2021, p. 113, aspas da autora).

Essa regularidade na qual *legado* é produto, decorre do funcionamento dessa palavra no campo do Direito. No texto *Autonomia privada do testador e direito à legítima: estudo crítico e propositivo*, Carminate (2011) discorre sobre os estudos da legítima em países cujo Direito é proveniente da tradição romano-germânica para pensar a autonomia do testador. Em seu percurso de escrita, o autor reflete sobre a evolução e sucessões do Direito (do Direito Romano, passando pelo Direito Português e as Ordenações Afonsinas, Manuelinas e Filipinas, até chegar ao Direito Brasileiro) e a origem histórica da legítima para propor um entendimento sobre a autonomia privada do testador, visando à proteção da família. Nesse trabalho de mestrado, Carminate, com efeito, vai mostrar as especificidades de ser legatário e herdeiro, não podendo tomar um pelo outro. Contudo, as diferenças entre essas duas posições não dão conta de deslocar o sentido de *legado* da rede de significados na qual essa palavra funciona com efeito de produto. Esse entendimento transcorre do que dispõe o Art. 1.946 da Lei nº 10.406 de 10 de janeiro de 2002, do Código Civil Brasileiro:

Art. 1.946. Legado um só usufruto conjuntamente a duas ou mais pessoas, a parte da que faltar acresce aos co-legatários.
Parágrafo único. Se não houver conjunção entre os co-legatários, ou se, apesar de conjuntos, só lhes foi legada certa parte do usufruto, consolidar-se-ão na propriedade as quotas dos que faltarem, à medida que eles forem faltando.

Essa mesma direção de sentido pode ser aprendida quando observamos o funcionamento da palavra *legado* em dicionários de Língua Portuguesa. Na orientação desse entendimento, realizamos uma busca nos dicionários e nos deparamos com as seguintes definições.

Dicionário 1 – Dicionário Caldas Aulete Digital⁹**legado (le.ga.do)**

sm.

1. Fig. Qualquer coisa, conhecimento ou bens materiais ou culturais, que se transmite às gerações seguintes: "- Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o *legado* da nossa miséria." (Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*)

2. Jur. Quantia ou bem predeterminados que alguém deixa por testamento.

[F.: Do lat. *legatum, i*, 'donativo deixado em testamento'.]

legado (le.ga.do)

1. Dipl. Enviado de um governo ou chefe de Estado a outro país para tratar de seus interesses.

2. Ecles. Representante eclesiástico encarregado pelo papa de governar territórios pontifícios.

3. Na Roma antiga, comissário do Senado que fiscalizava a administração das províncias.

4. Diz-se de enviado de um governo ou chefe de Estado a outro país para tratar de seus interesses.

[F.: Do lat. *legatus, us*, 'embaixador', 'enviado'.]

Dicionário 2 – Dicionário Priberam da Língua Portuguesa¹⁰**le·ga·do**

(latim *legatum*, -i, doação por testamento) nome masculino

1. Aquilo que se deixa por testamento a quem não é herdeiro forçoso ou principal.

2. O que é transmitido a outrem que vem a seguir.

le·ga·do

(latim *legatus*, -i, enviado, embaixador) nome masculino

1. Enviado do papa em missão especial. = NÚNCIO

2. Enviado ao serviço de um Estado. = EMBAIXADOR

Palavras relacionadas: vice-legado, vice-

legação, legar, fideicomisso, legacia, fiduciário, legatário.

Dicionário 3 – Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa¹¹**legado1**

le·ga·do

sm

⁹ Disponível em: <https://aulete.com.br/legado>. Acesso em: 05 jan. 2023.

¹⁰ Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/legado>. Acesso em: 05 jan. 2023.

¹¹ Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=legado>. Acesso em: 06 jan. 2023.

1 JUR Disposição, a título gracioso, por via da qual uma pessoa confia a outra, em testamento, determinado benefício de natureza patrimonial; doação causa mortis: “Virgília nutria grandes esperanças em que esse velho parente, avaro como um sepulcro, lhe amparasse o futuro do filho, com algum legado; e, se o marido tinha iguais pensamentos, encobria-os ou estrangulava-os” (MA3).

2 JUR Parte da herança deixada pelo testador a quem não seja herdeiro por disposição testamentária nem fideicomissário.

3 HIST, MIL Na Roma antiga, comandante de uma legião.

4 FIG Aquilo que se passa de uma geração a outra, que se transmite à posteridade: “Tudo se transforma, tudo varia – o amor, o ódio, o egoísmo. Hoje é mais amargo o riso, mais dolorosa a ironia, Os séculos passam, deslizam, levando as coisas fúteis e os acontecimentos notáveis. Só persiste e fica, legado das gerações cada vez maior, o amor da rua” (JR). O amargo legado do colonialismo. O legado da filosofia existencialista. Legado cultural.

ETIMOLOGIA *lat legatum*.

Mediante o que está posto no Código Civil Brasileiro e nos dicionários *Caldas Aulete Digital*, *Priberam da Língua Portuguesa* e *Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* percebemos uma estabilização pela qual *legado* funciona com sentido de produto. Já em nosso gesto de leitura, refutamos esse sentido quando se trata da produção de Magda Soares por entendermos que não ocupamos o lugar de herdeiros e nem de legatários da professora e que o trabalho dela não é produto. Por outro lado, compreendemos que esse movimento proposto pela inscrição dessa palavra no discurso jurídico, midiático, também refletido no discurso estabilizado nos/pelos dicionários, conforme vimos, tenta mobilizar sentidos de completude quando se refere ao trabalho da pesquisadora. Nessa direção, percebemos que nas SDs apresentadas a palavra em questão também funciona de modo diferente do que analisamos até agora, ou seja, mesmo sem a necessidade de que exista um determinado legatário (ou herdeiro), nas SDs há a indicação de legatário, isto é, não se trata de uma pessoa específica que ocupa o lugar de legatária. Vejamos: [...] *legado para a educação brasileira é eterno*, na SD1, [...] *deixa legado no cenário educacional brasileiro*, na SD2, e *deixou um grande legado para a área de Educação do país*, na SD3.

Na primeira SD a *educação brasileira* ocupa o lugar de legatária de Magda Soares, ao passo que na SD3, a *área de Educação do país* figura da mesma posição. Essa

leitura pode ser feita quando observamos o funcionamento discursivo da preposição *para* nessas SDs, diferentemente dessa, na SD2, a produção da professora mineira é deixada *no cenário educacional brasileiro*, ou seja, a contração da preposição alude para algo que não se deixa *para*, mas se deixa *no* lugar, por exemplo. Dizendo de outro modo, a produção de Magda Soares possui legatários: a educação brasileira, o cenário educacional brasileiro e a área de Educação do país são “beneficiários” da produção da pesquisadora. Mesmo assim, *legado* segue funcionando enquanto produto que se deixa, seja para legatário(s) ou para legatário(s). Nesses casos apresentados, observamos movimentos de sentido distintos em relação à palavra que nos interessa, mas como mostramos, todos funcionam com sentido de produto por estarem inscritos numa formação discursiva aqui denominada como FD Jurídica.

Na SD4, diferentemente do que vimos até então, a palavra que elegemos não compareceu puxando palavras como doença ou morte, por não estar inscrita na FD Jurídica, o que nos leva a compreender que houve, então, um deslocamento de sentido pelo qual *legado* não funciona enquanto produto que se deixa a/para alguém. Vejamos:

SD 4: “Que saibamos aproveitar essa oportunidade para assumirmos a responsabilidade ética pelo presente e o futuro das nossas crianças e para honrar o *legado* e a memória de Magda Soares”.

Fonte: Estadão¹²

Em nosso gesto de leitura, de acordo com a SD4, *legado* não funciona como produto, mas de maneira que precisa ser honrado para que seja lembrado. Nesse caso, percebemos a inscrição da palavra que nos interessa numa formação discursiva que aqui chamaremos de FD Religiosa na qual emergem discursos que tomam a honra como princípio basilar de todo sujeito que deve obediência/subserviência a alguém (uma pessoa, uma divindade) ou à filosofia (religiosa, familiar, institucional), ou seja, é preciso honrar a Deus, honrar pai e mãe, honrar os ensinamentos da igreja, honrar a palavra dada, etc... Podemos entender, então, por essa FD Religiosa, que o trabalho da professora Magda Soares precisa ser honrado não porque devemos obediência a ela, mas porque ele

¹² Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/gestao-politica-e-sociedade/alfabetizacao-como-um-direito-humano-fundamental-na-agenda-da-reconstrucao-do-brasil-para-nao-esquecer-magda-soares/>. Acesso em: 12 jan. 2023.

ocupa o lugar de uma memória (tomada como lembrança) ao passo que ao ser honrado, é lembrado. Decorre desse entendimento, uma insistência em colocar o trabalho da professora no lugar de uma não continuidade uma vez que ele é uma lembrança honrada. Dessa forma, podemos compreender que o trabalho da pesquisadora mineira parou e agora, tão somente, ocupa o plano da lembrança.

Por fim, na última SD, a palavra *legado* volta a funcionar como produto, embora adjetivado como *imenso*, e que por sua vez, *abarca várias gerações de educadoras e linguistas*. Como se vê:

SD 5: “O educador afirmou que Magda passou os últimos anos profundamente abalada com rumos da educação no País: ‘Com o desgoverno fascista que, felizmente, acabou. Mesmo assim, falava de planos para novos livros e novos projetos. Seu *legado* é imenso, abarca várias gerações de educadoras e linguistas”.

Fonte: O Povo¹³

A volta desse funcionamento, presente na SD5, reforça que “sem dúvida as mídias têm seu efeito sobre comportamentos e ideias, não tanto porque cada exposição isolada seja poderosa, mas porque se repetem. E se repetem. E se repetem” (GITLIN, 2003, p. 17). Sobre esse movimento, concordamos com Dela-Silva e Gomes dos Santos que “discursivamente, sabemos que é por meio da repetição de dizeres que os sentidos passam a integrar o interdiscurso, ou seja, todo o dizer já-dito, que possibilita os dizeres dos sujeitos” (DELA-SILVA; GOMES DOS SANTOS, 2018, p. 303). Em outras palavras, a mídia enquanto reprodutora de discursos, a cada retomada da palavra *legado*, vai construindo capas de sentidos que revestem essa palavra ao ponto de que o sentido atribuído (produto e/ou lembrança) deixa de ser questionado e passa a ser tomado como único, transparente e, portanto, verdadeiro.

Do lugar de analista de discurso, conforme fez a professora Eni Orlandi, no IX SEAD, colocamos aspas à palavra *legado* quando a tomamos em relação ao trabalho desenvolvido pela professora Magda Soares. Esse gesto simbólico pode ser explicado pela nossa tomada de posição que compreende Magda Soares e toda sua militância em

¹³ Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/brasil/2023/01/02/magda-soares-morre-aos-90-anos-e-deixa-legado-no-cenario-educacional-brasileiro.html>. Acesso em: 06 jan. 2023.

prol da educação e do Brasil enquanto algo não ocupa o lugar de produto, muito menos de lembrança. O que temos é um trabalho que segue em pleno funcionamento porque *abarca várias gerações de educadoras e linguistas*.

É fato que a professora mineira deixou livros, textos, projetos; formou mestres, doutores e diversos educadores que tiveram o privilégio da sua companhia. Mais do que isso: pela sua tomada de posição sujeito na qual se considera a educação brasileira de qualidade e, sobretudo, o direito à leitura e à escrita por parte de todas as crianças, temos na figura da professora Magda Becker Soares uma inspiração que segue... (nos) colocando questões ao (nos) exigir postura firme frente a tudo aquilo que vai na contramão do que é uma educação de qualidade.

Palavras para dizer algumas palavras finais

Conforme anunciamos na seção *Palavras para dizer algumas palavras iniciais*, neste texto propomos uma leitura da palavra *legado* posta em movimento nas/pelas mídias digitais – reportagens jornalísticas, propagandas por/em jornais *online* – tendo-se em conta a produção e a circulação de discursos que noticiaram o falecimento da professora Magda Soares.

Em nosso gesto de leitura, com base no material discursivo em análise, identificamos duas possíveis direções de sentido para a palavra em observância. Um funcionamento possível é o de *legado* enquanto produto que o legante deixa para alguém de direito, ou seja, o legatário. Ainda nessa mesma FD Jurídica, conforme mostramos, *legado* também funcionou como produto que se deixa sem que haja a necessidade da existência de um determinado legatário (ou herdeiro), isto é, não se trata de uma pessoa específica que ocupa o lugar de legatária, assim, o *legado* é determinado ao legatário. Esse funcionamento é observado, com efeito, quando nos debruçamos sobre Código Civil Brasileiro e os dicionários que elegemos para este estudo. O segundo efeito de sentido possível é o de *legado* enquanto lembrança, algo de importância, e que, por isso, deve ser honrado. Nesse funcionamento, percebemos a inscrição da palavra que elegemos numa FD Religiosa, na qual emergem discursos que tomam a honra como princípio primário de todo sujeito que deve obediência/subserviência a alguém.

Do nosso lugar de analista de discurso, compreendemos que os efeitos de sentido da palavra em questão, frente ao trabalho da professora Magda Soares, mobilizados em alguns discursos nas/pelas mídias digitais, propõem um entendimento pelo qual o trabalho da linguista e educadora estaria interrompido, findado, estagnado. Em outras palavras, sem a presença física de Magda Soares, todo seu pensamento teórico sobre a toda sua militância política presente em seus textos, livros, bem como nas dissertações e teses orientadas e trabalhos científicos que a tomam como referência, figuram, tão somente, o lugar de produto e/ou lembrança.

Diferentemente desse entendimento, compreendemos que as tomadas de posição sujeito assumidas pela professora mineira e materializadas em diversos espaços de conhecimento não cessa(ram) com o amanhecer do dia 1º de janeiro de 2023. Pelo contrário, a cada (re)tomada ao trabalho de Magda Soares, realizada por nós e tantos outros (futuros) leitores, trazemos à cena uma reflexão atemporal que é cara, sobretudo, ao Brasil e aos brasileiros. É fato que teremos que lidar com a ausência física da nossa professora que se impõem, entretanto, sua figura, seus ensinamentos, sua postura educadora e militante segue nos exigindo forças para lutar por uma educação de qualidade. Continuemos a ler Magda Soares!

Referências

AUROUX, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização**. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas**: as infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

BRASIL. Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002. **Código Civil Brasileiro**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110406compilada.htm. Acesso em: 10 mar. 2023.

CARMINATE, Raphael Furtado. **Autonomia privada do testador e direito à legítima**: estudo crítico e propositivo. 2011. 154f. Dissertação (Mestrado em Direito) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. Disponível em: http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Direito_CarminateRF_1.pdf. Acesso em: 1º mar. 2023.

DELA-SILVA, Silmara. Efeitos de imbricação em discursos da/na mídia. **Triáde: Comunicação, Cultura e Mídia**, Sorocaba, SP, v. 9, n. 22, p. 47–63, 2022. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/triade/article/view/4902>. Acesso em: 1º mar. 2023.

DELA-SILVA, Silmara.; GOMES DOS SANTOS, Regiane. A mídia e os dizeres sobre o professor no Brasil: uma análise do discurso jornalístico. **Cadernos de Letras da UFF**, v. 28, n. 57, p. 299-317, 26 dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/cadernosdeletras/article/view/43965/25136>. Acesso em: 15 mar. 2023.

GITLIN, Todd. **Mídias sem limite** - Como a torrente de imagens e sons domina nossas vidas. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.

GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele Stockmans. (Orgs.). **A análise do discurso e sua história: avanços e perspectivas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

GUASSO, Kelly Fernanda da Silva; BRANCO, Natieli Luiza. Quando ficar em casa (não) é opção: os efeitos de sentido em movimento sobre a palavra “casa” na pandemia. *In*: PETRI, Verli. *et al.* **Ditos e não ditos: discursos da, na e sobre a pandemia**. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

GUASSO, Kelly Fernanda da Silva. “Conhecimento”: na língua, no dicionário, no discurso. *In*: PETRI, Verli. *et al.* **Dicionários em análise: palavra, língua, discurso**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020, p. 193-210.

LIMA, Heitor Pereira de. **Análise de Discurso à mineira: o funcionamento do dispositivo teórico-metodológico da AD em teses, da área de Letras, produzidas em Minas Gerais**. 2022. 124f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022. Disponível em: http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras_HeitorPereiraDeLima_29632_Textocompleto.pdf. Acesso em: 15 fev. 2023.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina, **Da ambiguidade ao equívoco: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso**. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

MARCHESAN, Andressa. A palavra deficiência: movência de sentidos em dicionários e na prática social. *In*: PETRI, Verli; GUASSO, Kelly Fernanda da Silva; COSTA, Thaís; FREITAS, Francine. (Orgs.) **Dicionários em análise: palavras, língua, discurso**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

MARIANI, Bethânia Sampaio Corrêa. **O comunismo imaginário: práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989)**. 1996. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNICAMP-30_eaef7ded2794f5e5d7dffa552a13eae. Acesso em: 10 mar. 2023.

MIRANDA, Ana Ruth Moresco. Magda Soares em entrevista para Cadernos de Educação (UFPEL). **Cadernos de Educação**, Pelotas, n. 66, p. 01-20, 2022. Disponível em: <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/educacao/issue/view/237>. Acesso em: 16 abr. 2023.

NUNES, José Horta. **Dicionários no Brasil: análise e história**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

ORLANDI, Eni. **Discurso e texto: formulação e circulação de sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2005.

ORLANDI, Eni. A Terra não é plana e o mundo das palavras não tem só dois lados: ainda o silêncio em suas novas formas. *In*: GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele Stockmans; SILVA SOBRINHO, Helson Flávio da (Orgs.). **Ousar se revoltar: Michel Pêcheux e a análise do discurso no Brasil**. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

ORLANDI, Eni. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 5. ed. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2020.

PÊCHEUX, Michel. [1969]. Análise automática do discurso (AAD-69). *In*: GADET, Françoise; HAK, Tony. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PETRI, Verli. “História de palavras” na história das ideias linguísticas: para ensinar língua portuguesa e para desenvolver um projeto de pesquisa. **Conexão Letras**, Porto Alegre, v. 13, n. 19, p. 47-58, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/conexaoletras/article/view/85032>. Acesso em: 15 fev. 2023.

PETRI, Verli. **Um outro olhar sobre o dicionário: a produção de sentidos**. 1. ed. Santa Maria: UFSM, PPGL-Editores, 2010.

PETRI, Verli; SCHERER, Amanda. O funcionamento do político na produção dos sentidos: o dicionário como trajeto de leitura. *In*: GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele Stockmans. (Orgs.). **A análise do discurso e sua história: avanços e perspectivas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016, p. 359-373.

SOARES, Magda. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. 1. ed. – São Paulo: Contexto, 2022.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. São Paulo: Ática, 1986.

SOARES, Magda. **Metamémoria-memórias: travessia de uma educadora**. Rio de Janeiro: Cortez, 1981.